A PARADOXALIDADE DA COMUNICAÇÃO

ENTRE A MODERNIDADE E A CONTEMPORANEIDADE

Aline Verissimo Monteiro[1]

O momento atual de nossa cultura, nossa contemporaneidade, tem sido constantemente denominado: *era da informação*, *cultura comunicacional*, *pós-modernidade* ou *cultura da simulação*. Quer concordemos diferencialmente, mais ou menos, com cada um desses conceitos e com o que cada autor nos pretende mostrar como sendo a novidade e o característico do que nos cerca, parece difícil negar que vivemos hoje num contexto diferente daquele que então se nomeava *modernidade*.

O estudo que pretendo empreender parte não só da aposta de que há sim uma diferença entre contemporaneidade e modernidade, como também da consideração de que a Comunicação desempenha, neste contexto, um papel simultaneamente privilegiado e delicado; em outras palavras, uma posição paradoxal. Se reconhecermos na modernidade um período de *crise da verdade*, ou *da representação*, e uma peculiar forma de relação entre o presente e o passado, também poderemos aí localizar o Conhecimento e a Ciência da Comunicação. Ou seja, a Comunicação, enquanto uma ciência humana, tendo seus fundamentos e possibilidade de existência ameaçados, e o Conhecimento, em sua identificação clássica com a Verdade, não tendo mais a seu serviço uma linguagem confiavelmente, naturalmente, neutra. É importante notar que, ainda que seja sob a forma de crise, trata-se da permanência das idéias de conhecimento verdadeiro e de representação. Por outro lado, se tomarmos a contemporaneidade como o momento marcado pelos *meios de comunicação,* pela produção de uma *cultura de massa*, pela *invasão* de poderosas tecnologias, sobretudo o computador, com as quais o homem tem estabelecido relações nunca antes experimentadas, e que têm lhe imposto questões radicais sobre sua humanidade e seu lugar-distintivo no mundo. Compõem essas questões o surgimento de uma nova experiência temporal, a do *tempo real*, e um vigor da linguagem como criativa, produtora, veículo da existência de tudo no *meio*, na interação, na comunicação. Todavia, reconhecer a existência de diferenças do contemporâneo em relação ao moderno, não quer dizer que cremos ou entendemos este último como um período já passado e superado. O que percebemos na contemporaneidade é a coexistência de suas novidades com aspectos ainda modernos, mesmo que pareçam contraditórios entre si. Por isso, falamos do período contemporâneo como paradoxal, e tomamos a Comunicação como um lugar onde esta paradoxalidade aparece e se exerce radicalmente.

Proponho, então, que analisemos a Comunicação em relação a dois *modelos de mundo* com os quais ela parece estar direta e diferentemente comprometida. Esses dois modelos estariam, na atualidade, coexistindo, competindo entre si e implicando em distintas concepções de realidade e de conhecimento. O primeiro modelo seria o da *representação*, o qual corresponderia às idéias de Verdade e de conhecimento como formação de uma imagem adequada a uma realidade exterior verdadeira. Nele, a comunicação apareceria como uma linguagem neutra, a serviço de um sujeito do conhecimento, e como podendo ser objeto de uma ciência, a qual seria responsável por descobrir a verdade da linguagem-comunicação, representando-a. O segundo modelo, mais recente, seria o da *simulação*, e estaria comprometido com as idéias de eficácia e de realidade como o que se cria e se modifica no processo de comunicação. Neste modelo, a comunicação seria uma atividade técnica de criação - inclusive de sujeitos e de verdades. Vale ressaltar que no caso do primeiro modelo, o foco da atividade de conhecer está no sujeito, ainda que o acesso ao conhecimento se dê pelo *uso* da linguagem; e no caso do segundo, a atividade de criação, de simulação, está no exercício dos *meios de comunicação*, no ato de comunicar. A situação criada pela coexistência de tais modelos estaria nos levando a questionar profundamente conceitos como verdade e como sujeito.

A questão principal que se coloca seria, pois, pensar a atual situação paradoxal da Comunicação, e suas decorrentes conseqüências para o conhecimento e para o sujeito, dentro de um quadro onde ela parece estar: por um lado, enquanto tecnologia, diretamente ligada à construção de uma ordem de realidade por simulação; e por outro lado, enquanto área de saber que se estabeleceu conforme um modelo de representação, posta em risco pela crise da verdade.

Situemos primeiro o compromisso da Ciência da Comunicação com a representação e a Verdade. Entendo esse compromisso como o resultado do modo próprio da construção da cultura ocidental, a

qual desembocou na supervalorização do conhecimento e da verdade, e na identificação desses dois conceitos à ciência. Parto, em minha análise, da consideração do modelo ocidental clássico de conhecimento como sendo o da representação. Podemos enunciá-lo da seguinte forma: conhecer algo é, igualmente, fazer uma imagem desse algo e poder transmitir essa imagem. Iremos nomeá-lo aqui, para fins de explicação, de duas formas: *pressuposto cognitivo-comunicacional* e *ver-e-dicção*. Assim posto, este modelo implica que exista diferença e distância entre o que conhece (dizemos, hoje, sujeito do conhecimento) e o que é conhecido (objeto do conhecimento), a fim de que seja possível uma visão do objeto, ou seja, formar dele uma imagem, qual seja, um nome, um conceito. Tal modelo também exigiria que a imagem formada correspondesse verdadeiramente ao objeto, sendo a ele adequada: o discurso deve representar a realidade. Quando essas exigências são cumpridas, tem-se aí um conhecimento verídico sobre o objeto. Portanto, estaria em jogo, no Ocidente, a idéia da existência de uma realidade já dada, sobre a qual se construiria um discurso que a representaria verdadeiramente, e de um sujeito também já dado, agente dessa representação. Conhecer seria, então, representar algo já existente, e uma ação que pertenceria ao sujeito - é ele que representa, que fala - mas trataria de algo que não seria o sujeito, mas sim objeto - o mundo passível e imutável. A linguagem, nesse modelo, seria um mero instrumento de representação, neutra e estéril, estando sempre em referência a essa realidade exterior; por ela nem o sujeito nem o objeto são afetados.

Assim, nos parece que foi excluído do conhecimento, e por isso considerado menos importante, tudo o que resistisse à representação, tudo o que não se deixasse fazer imagem. E, como para uma imagem ser sempre adequada a algo, esse algo deve permanecer sempre o mesmo, também parece ter-se instituído aí uma imposição da identidade sobre a diferença, do geral sobre o particular, do universal sobre o eventual. Como conseqüência, vemos uma "exclusão" do tempo e a fixação de um presente eterno na forma da representação, pois teríamos sempre o mesmo a se *re-presentar*[2]. Conhecer, nesses termos, seria capturar a permanência por trás da mudança, o presente existente no passado e no futuro.

Com o surgimento das modernas ciências da natureza, houve como que uma radicalização desse modelo representacional. Aliás, o título de *ciências* lhes foi conferido a partir da construção e do triunfo deste modelo representacional sob a forma experimental. A partir deste momento, todo saber que desejasse reconhecimento de sua validade deveria se dar na forma experimental. Se em sua forma clássica o conhecimento conferia um certo privilégio ao sujeito, na forma científica moderna também este é neutralizado e tornado estéril, cabendo ao método científico descobrir a verdade, agir sobre o objeto e dele extrair sua *essência*..

Contudo, a aplicação do método científico às ciências humanas se mostrou problemática desde o início. Mas mesmo diante dos problemas, tais ciências não tinham opção de recusa. Uma vez que desejavam ser fonte de um conhecimento válido, deveriam ser *ciências*, e se seu objeto era da ordem do humano, tal como um sujeito, deveriam lidar com a paradoxal tarefa de objetivá-lo mantendo todavia sua subjetividade *natural*. Entendemos esse fato como configurando, pelo menos, duas questões para a forma científica clássica de conhecer: uma quanto ao acesso ao conhecimento e à forma de o sujeito conhecer e a outra quanto à eficiência do modelo científico em dar conta do sujeito como objeto, ou seja, quanto à universalidade de sua eficácia.

Como nos chama à atenção Amaral[3], além da psicologia, outras ciências humanas, como a sociologia e a antropologia, podem ser entendidas como tendo contribuído para uma relativização da pretensão científica de ter chegado à Verdade última das coisas do mundo. Essas ciências inseriram aspectos históricos e sociais na constituição do sujeito e do conhecimento produzido por ele. Com isso, o cientista passou a poder ser entendido como fazendo parte de um contexto social datado historicamente, o qual lhe requer o desempenho de um determinado papel. A ciência, então, deixaria de ser despida de interesses individuais e mundanos e uma fonte de conhecimento puro, atemporal, da ordem da verdade absoluta.

Esses fatos, juntamente com descobertas feitas no interior mesmo das ciências da natureza, como *a teoria da relatividade geral* de Einstein e a *física quântica*, fizeram com que, no final do séc. XIX, tivesse início o que se vem chamando, e neste projeto já foi referido anteriormente, de *crise da representação*, ou *da verdade*[4], e que tomamos como sendo uma das características da modernidade. Como já dito, entendemos o modelo da Verdade como representação adequada, fundamentando-se em um sujeito preexistente. Podemos acrescentar que o conhecimento lhe seria garantido, com Descartes, por uma racionalidade divina[5], ou com Kant, por categorias transcendentais. [6] Além do sujeito, também a realidade é preexistente, e a linguagem é neutra,

absoluta. Ora, quando a história entra em cena - ou seja, o tempo - não mais podemos pensar esses preexistentes absolutos. É preciso que se passe a entender o que se apresenta como o resultado de um processo ocorrido no tempo: o sujeito, a linguagem e a verdade são produtos de uma história, portanto, são mutáveis; eles pertencem a realidades sociais, logo, não são neutros. Não se trata mais de *re-presentar* algo que está oculto no fundo, mas de tomar o que se apresenta como sempre novo, algo que se constrói no correr do tempo. Contudo, um passado comprometido com a verdade do presente e que servisse para explicá-lo, deveria ser um passado objetivado, distante do presente e independente dele.

Curiosamente, em meio à crise, os avanços tecnológicos parecem simultaneamente agravá-la e fornecer alternativas à ela. As novas tecnologias de geração de imagens, os computadores, a televisão, a imprensa, enfim, todo o instrumental envolvido na construção do que chamamos hoje *cultura de massa* ou *mídia*, parece estar construindo um novo *modelo de mundo*, o qual podemos nomear de *simulação*. Diferentes autores vão falar diferentemente deste modelo e a partir de diferentes tecnologias e áreas de saber, mas podemos perceber em todas elas a forte presença da comunicação, ocupando um ponto de destaque: o novo, seja ele qual for, se dá no *meio*, na *interação*, na *comunicação*.

Da análise de Pierre Lévy ressaltamos a ênfase no computador e no tempo. Para ele, o tempo da era da informática é um *tempo real*, *pontual*, que anunciaria a entrada da humanidade "em um ritmo novo que não seria mais o da história." [7] A capacidade dos bancos de dados computacionais e o imenso leque de possibilidades de *interfaces* e combinações em rede, criariam condições para a construção de um conhecimento na velocidade do presente. Um conhecimento onde não haveria mais a distinção entre sujeito e objeto e uma exterioridade que pudesse servir de fundamento ou referência para uma afirmação de verdade - pois não se encontraria aí nem permanência eterna, nem história passada. Nesse contexto informático, os dados armazenados nos dispositivos computacionais são manipulados de acordo com os interesses dos usuários. Esses dados estão sempre, todos, à disposição, simultaneamente, como séries de informações paralelas, passíveis de serem percorridas - ou seja, engendradas - conforme o operador do sistema. Não teríamos mais um acúmulo linear e cronológico de informações. Todos os dados estariam presentes igualmente; todos prontos para serem consultados, interligados em uma série comprometida com a pertinência, ou com a utilidade, ao que se pretende realizar. Sem exterioridade objetiva que possa fundar uma Verdade, a idéia de representação cede lugar a um novo tipo de conhecimento, qual seja, por *simulação*. Essa outra via de conhecimento, segundo Lévy, diferencia-se tanto do conhecimento teórico (onde se poderia falar sobre um objeto a certa distância), quanto do conhecimento experimental (onde existiria *manipulação* do objeto por parte do sujeito). Na simulação há *interação* entre sujeito e objeto - se quisermos continuar usando os termos - e configuração de *interfaces*. É o usuário que recorta entre os dados existentes o seu "objeto", mas com seus recortes ele, usuário, também se define e modifica. Todos os componentes de uma interface variam juntos, na velocidade em que se operam os arranjos de atualização dos dados.

Esse "sujeito" da era da informática seria parte das *interfaces*, e não o único agente ativo e responsável pela realidade. Em sua abordagem, esse autor propõe que pensemos na atualidade, uma *ecologia cognitiva*. Esse termo diria respeito a um mundo onde o que se tem são "*coletividades pensantes homens-coisas*" [8], as quais seriam formadas *pela* e *na* articulação entre indivíduos, instituições sociais e técnicas de comunicação. No entanto, tal fato não significa, necessariamente, que não exista mais indivíduos distintos no mundo. É possível discriminar-se do "mundo" e afirmar um "eu", mas esse "eu" é sempre atravessado pelo "mundo" e todo o instrumental que o compõe. Da mesma forma, o "mundo" pode ser entendido como composto por diversos "eus". [9]

Além do computador, que indubitavelmente é o instrumento mais explícito dos avanços tecnológicos, e aquele que promete cada vez mais e mais rápidas novidades, as chamadas *teletecnologias*, os *meios de comunicação de massa*, também são agentes de construção de simulacros, que trabalham já com "alterações no *modo de organização* do espaço social e nas relações que os sujeitos mantêm com o real." [10] Em Muniz Sodré temos a descrição de uma "era da informação" [11] onde vigoraria uma *telerrealidade*, que seria uma racionalização radical, pela técnica, do real tradicional e do sujeito. Esse processo, que corresponderia à transmissão de informações, à instalação de realidades, instantaneamente, sobre toda uma coletividade, implicaria na desestruturação das representações clássicas de unidade e identidade, e se constituiria em um problema para os sujeitos e para as ciências humanas em geral, pois essas últimas ainda "seguem epistemologias antiquadas." [12] Contudo, essa nova realidade não aniquilaria as tradicionais concepções de mundo, de organização social - identificadas com o modelo denominado de *encadeamento* -, elas coexistiriam, se utilizariam

umas das outras, sem risco de homogeneização. O que, segundo Sodré, acontece nesse estado de coisas é uma complexificação, posto que, sem dúvida, o que se passa na tela como espetáculo difere do que se passa no cotidiano como vida comum, mas ainda assim, a ordem do espetáculo ganha valor de verdade, se estabelece como padrão de julgamento, como parâmetro de conduta. O modelo telerreal é, como o da simulação proposto por Lévy, um modelo de fluxo, de velocidade. Ele acontece e modela uma superfície. A *realidade* da notícia está mais no fato de ela ser transmitida e recebida, no crédito depositado na tela, do que na correspondência a algum *acontecimento Verdadeiro* em si. E não poderia ser diferente, pois, eles - notícia e acontecimento Verdadeiro - pertencem a sistemas heterogêneos: a notícia é da ordem das massas, da telerrealidade; o acontecimento Verdadeiro seria da ordem do sujeito individual, do encadeamento.

Essa abordagem da "era da informação" torna visível e possível uma concepção de mundo da qual poderíamos tomar a *interação* como conceito chave. Feito isto, se entendermos que falar de interação é falar de comunicação, de transmissão de informação, poderíamos ver, nesse contexto, a descrição da comunicação - linguagem e tecnologia - como a atualizadora do mundo. Ou seja, este último se daria através da comunicação, na atuação dela. Vale ressaltar que não vemos a idéia de interação como restrita ao campo da informática ou dos meios de comunicação de massa. Encontramos em diferentes autores, de diferentes áreas, descrições de processos que, fazendo algum tipo de referência à interatividade tal como a entendemos, corresponderiam às formas das relações humanas, de irrupção de indivíduos no mundo e de um tipo de conhecimento denominado configurativo. Referimo-nos aqui aos trabalhos, respectivamente, de Paul Watzlawick *et al*., Gilbert Simondon e Francisco Varela. Considero que a partir desses autores pode-se traçar um percurso de pistas, as quais indicariam possibilidades para se pensar e conhecer o mundo sem o aprisionamento à uma idéia de verdade como adequação, sem a suposição de preexistentes (seja sob a forma de um presente eterno ou de um passado objetivado) a serem representados e sem o estabelecimento da primazia de um dos termos constituintes do modelo clássico do conhecimento sobre os outros, determinando-os.

Em Watzlawick *et al*. teríamos o comportamento humano tomado como o aspecto pragmático da comunicação; e a comunicação como um imperativo para o sujeito. [13] Tal fato se daria pela inexistência de um oposto do comportamento, um *não-comportamento*. Assim como o homem, necessariamente se comporta, também, necessariamente, se comunica. Isto porque qualquer comportamento em uma situação interacional emitiria uma mensagem para os outros sujeitos em contato com ele, esses outros sujeitos sempre confeririam algum significado aos comportamentos. [14] Aproximando-se mais da noção de função na matemática, do que de certas abordagens psicológicas, esses autores vão buscar compreender os fenômenos humanos sempre fazendo parte de um contexto interacional. Assim como as funções para o cálculo matemático, tentaria-se encontrar os padrões de interação das relações humanas. É possível entender, então, que nesse contexto de troca de mensagens entre os sujeitos, as mensagens serão simultaneamente causa e efeito para outras mensagens. Em termos temporais poderíamos dizer: uma certa mensagem **A** é causa para mensagens futuras e efeito para mensagens passadas. E espacialmente a mesma mensagem **A** seria efeito, se partirmos das outras mensagens para ela, e causa, se partimos dela para as outras. Um comportamento estaria então sempre de acordo com um contexto, onde ocuparia uma certa posição no tempo e no espaço que permitiria sua compreensão e explicaria sua significação. Notamos neste ponto e, sobretudo, na analogia com o conceito matemático de função, que parece haver a manutenção de uma estrutura definida onde a informação circula. A comunicação se dá entre indivíduos já existentes e, talvez mesmo, conforme padrões previamente conhecidos. Numa determinada função, por exemplo, se por um lado seus termos são *variáveis*, por outro a forma de relação entre eles e por vezes até seu *comportamento* gráfico seriam já dados.

Numa crítica simondoniana a Watzlawick *et al*. poderíamos dizer que eles mantiveram ainda "um privilégio ontológico" [15] do indivíduo constituído, sendo este último entendido tanto como o sujeito, quanto como a função. Dispondo-se a pensar para além do indivíduo, fazendo com que a palavra ontogênese possa designar, mais do que uma gênese do indivíduo, "o caráter de devir do ser" [16], Simondon vai afirmar um ser completo, "um ser que é mais que a unidade" [17]: o ser *pré-individual*. Para esse autor, os indivíduos são apenas fases do ser, e o processo de individuação aconteceria por meio de uma operação denominada *transdução*. Podemos descrever essa operação, em termos comunicacionais, da seguinte maneira: uma tomada de forma por um campo metaestável, através do avanço gradual de uma informação a partir de um germe estrutural dotado de uma tensão de informação[18]. A inserção da noção de informação na formação de um conceito novo, o de transdução, a nosso ver, propicia uma ruptura com a idéia de uma interação entre indivíduos já dados. Na operação de transdução, a informação não circula numa estrutura, num campo de relações já

formado, mas é ela, a informação, que vai dar uma forma a um campo metaestável. [19] Em outras palavras, poderíamos dizer que no pensamento de Simondon a informação, a comunicação de uma mensagem, individua um campo, e que na proposta interacional de Watzlawick a comunicação ocorre em um campo de indivíduos. Contudo, reconhecemos em Simondon a conservação de uma certa referência aos termos envolvidos na teoria da informação, quais sejam, emissor, receptor e informação, correspondendo, respectivamente, a germe estrutural, campo metaestável e forma tomada pelo campo. Tal fato implicaria em que o germe seja aquele que já possuiria a forma, o que talvez nos permita considerar que a forma existiria anteriormente e independentemente do campo que vai recebê-la. Assim, no que diz respeito à forma, o germe seria como que privilegiado.

Neste ponto, poderíamos vislumbrar na alternativa configurativa[20] do pensamento de Varela a inexistência de qualquer tipo de *a priori*. Segundo entendemos, quando um determinado estado de coisas se configura, nada do que existia antes dessa configuração permanecerá necessariamente no momento posterior. Também não encontramos, nessa abordagem, a descrição de nenhum aspecto ativo da configuração, o qual fosse privilegiadamente dotado de alguma característica anterior ao processo de configuração e que, de alguma forma pré-determinada, imporia uma direção específica à configuração. Conforme declara o próprio autor, a abordagem configurativa opõe-se terminantemente à clássica abordagem representacional. Não seria possível qualquer representação porque não haveria distância entre o sujeito e o mundo. Conhecer, no contexto da configuração, passa a ser o mesmo que viver. [21] E vivemos imersos na diversidade, sendo afetados (e afetando) por tudo o que compartilhamos na existência. O cotidiano é feito de ensejamentos, interpretações, sempre dadas na simultaneidade dessas ações. Isso sugere, por exemplo, que os problemas que nos colocamos já seriam eles mesmos soluções configurativas do que há. Da mesma forma, a comunicação, a linguagem, não são preexistentes. [22] Com isso, não nos limitaríamos a, de posse desse já dado, transmitir mensagens. De fato, segundo Varela, "nós *linguajamos* o mundo em existência como um ato social."[23] Podemos entender, então, a linguagem-comunicação, a informação e o mundo configurado como coincidentes. Ou seja, eles se dariam ao mesmo tempo, como faces, expressões diferentes do mesmo acontecimento.

A partir dos autores apresentados, podemos notar, que mesmo com enfoques distintos, algumas características são recorrentes nas propostas que põem ênfase na *produção interativa*. Essa nova ordem da simulação não vai trabalhar com a idéia de conhecimento verdadeiro, de representação ou de descoberta do que é permanente no mundo, ou seja, com uma certa noção de eternidade. A simulação se dá no tempo real, na velocidade. Ela é sempre uma criação *do* e *no* presente. Também nela perderíamos a distância entre o que seria o sujeito e o que seria o objeto; ambos, neste caso, se dão ao mesmo tempo no mesmo processo de interação, de agenciamento e combinação de dados. Sobretudo, essa ordem da simulação acontece *na* e *pela* linguagem-comunicação, fazendo desta última não mais uma reprodutora a serviço da representação do mundo, mas a criadora deste.

Eis o complexo e fértil contexto em que nos encontramos: por um lado, a crise da representação, ou da verdade, põe em risco todas as ciências que se construíram sobre esse modelo; por outro, a comunicação, em seu aspecto tecnológico, ganha autonomia e *status* produtor na relação com o mundo e com o sujeito, mas por esses mesmos fatos, contribui para o risco de extinção de si mesma enquanto ciência humana.

Neste estado de coisas, o que se pretende explorar é a possibilidade de esse ganho de autonomia da comunicação representar , não uma ameaça, mas uma revitalização da ciência comunicacional, libertando-a da submissão à Verdade. Uma pista a ser utilizada neste sentido é talvez entender que a simulação não é algo que diz respeito exclusivamente à técnica, mas que desde o surgimento das ciências humanas tem sido o modo próprio dessas ciências conhecerem: simulando objetos oportunamente, a partir dos dados presentes, disponíveis a cada momento, e criando simultaneamente um sujeito e um objeto, pelo fato de serem coincidentes. Nesta subserviência à epistemologia, poderíamos entrever uma maior preocupação com a eficácia (ser reconhecida como ciência é o que importa) do que com a Verdade (o sujeito é descrito das mais variadas formas, por vezes mesmos contraditórias, mas visando atender ao modelo representacional). Esperamos que com as aberturas aqui esboçadas a comunicação e a ciência e o homem em geral possa usufruir e se beneficiar dos dois modelos - representação e simulação - sem submissão a nenhum, mas ampliando-os como criações de vida e de mundo ao longo da existência.

1. Mestranda em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação. Pesquisadora Associada do Programa IDEA/ECO
2. Conforme encontramos em AMARAL, M. T. d', "Paradigma, Ciência e História", *IDEA - Programa Transdisciplinar de Estudos Avançados,* 1/89, Rio de Janeiro: IDEA/FCC/UFRJ, 1989, p. 94: "[...] o movimento de re-presentar supõe o presente, a presença, como condição absoluta do que é. [E esse presente seria] o sempre-já-dado".
3. *ibid.*
4. Sobre o acontecimento dessa crise como um "forte movimento de historicização do todo o existente" conferir *ibid*, p. 94; AMARAL, M. T. d', *O homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo*, Rio de Janeiro: UFRJ - Tempo Brasileiro, 1995 e FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas,* São Paulo: Martins Fontes, 1992. Uma abordagem mais epistemológica dessa crise, descrita, então, como uma "metamorfose das ciências", encontra-se em PRIGOGINE, I. & STENGERS, I., *A nova aliança: metamorfose da ciência,* Brasília: Ed. UnB, 1984.
5. Diz Descartes: "Pois, em primeiro lugar, aquilo mesmo que há pouco tomei como regra, a saber, que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, não é certo senão porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós nos vem dele." (DESCARTES, R., "Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências" *in Os pensadores* (Ed. V. CIVITA), vol. XV, São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 58). Conferir também PEDRO, R. M. L. R., "Por uma nova concepção de ciência para os sistemas humanos: um enfoque alternativo para os fenômenos da cultura", Rio de Janeiro: FGV/ISOP/CPGP, 1989 e KOYRÉ, A., *Do mundo fechado ao universo infinito,* Rio de Janeiro: Forense-universitária e São Paulo: EDUSP, 1979.
6. Em Kant (KANT, I., *Crítica da razão pura,* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p. 166) encontramos as categorias descritas como os "conceitos que prescrevem leis *a priori* aos fenômenos e, portanto, à natureza como conjunto de todos os fenômenos". E, segundo o autor, ainda que para haver um conhecimento seja preciso tanto as categorias quanto as intuições sensíveis, "todas as intuições sensíveis estão submetidas às categorias, como às condições pelas quais unicamente o diverso daquelas intuições se pode reunir numa consciência." (*ibid.*, p. 142). Ver também a essa respeito PASCAL, G., *O pensamento de Kant,* Petrópolis: Vozes, 1992.
7. LÉVY, P., *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática,* Rio de Janeiro: ED. 34, 1993, p. 115.
8. *ibid*., p. 133.
9. Nas palavras do próprio Lévy temos que: "a inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interage um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou "eu" que sou inteligente, mas "eu" com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais".(*ibid*., p. 135)
10. SODRÉ, M., *O social irradiado: violência urbana, negrotesco e mídia,* São Paulo: Cortez, 1992, p. 20.
11. Muniz Sodré define esse conceito como "um modelo de desenvolvimento humano baseado em contingências tecnológicas e comerciais." (*ibid*., p. 7). A seguir veremos modelos similares, mas que não utilizam aparatos tecnológicos para se referirem à interação, à simulação, à instantaneidade, ao tempo real. Modelos que insinuam um tipo de conhecimento diferente do da representação, como sendo o próprio do humano, mesmo antes das conquistas e avanços tecnológicos atuais.
12. *ibid*., p. 7.
13. Cf. WATZLAWICK, P. *et allii*, *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação,* São Paulo: Cultrix, 1993.
14. Mesmo se pensássemos em um sujeito isolado de qualquer outro, e essa ressalva é feita também pelos autores, ainda assim, não é difícil pensar que ele estaria passando informações dele para ele mesmo. A capacidade reflexiva da qual os humanos são dotados poderia ser aquela que permitiria esse dobrar-se sobre si, ser um outro para si mesmo.
15. SIMONDON, G., *L'individu et sa genese physico-biologique,* Paris: PUF, 1964, p. 9. (A data da publicação citada se refere ao texto francês e os números das páginas à uma tradução feita por Ivana de Medeiros, mimeografada e s/d).
16. *ibid*., p. 11.
17. *ibid*., p. 11.
18. Em uma definição genérica e nas palavras do próprio autor temos que: "l'opération transductive serait la propagation d'une structure gagnant de proche en proche un champ [métastable] à partir d'un germe structural"(SIMONDON, G., *L'individuation psychique et collective,* Paris: Aubier, 1989, p. 32)
19. Diz o autor: "dès lors, l'information n'est pas réversible: elle est la direction organisatrice émanant à courte distance du germe structural et gagnant le champ" (*ibid*., p.32)
20. O termo em inglês é *enactive,* e a tradução para o português na palavra configuração deve ser pensada compreendendo as idéias de *ensejamento* e de *criação*. (Cf. VARELA, F. J., "Abordagens à ciência e tecnologia da cognição", *Ciência e Cultura,* 5, vol. 40, SBPC, maio de 1988, pp. 460-470.)
21. Segundo o autor, configurativamente o conhecimento passaria a ser "uma interpretação ininterrupta que não pode ser capturada em uma coleção de regras e pressuposições desde que ele consiste de ações e histórias, de uma compreensão conseguida por imitação e por compartilhamento de um conhecimento pré-existente" (*ibid.*, p. 466). O fato de encontrarmos aí o termo *pré-existente* não deve contradizer a leitura feita até agora. Esse termo se refere, a nosso ver, ao fato de não configurarmos no vazio, mas a partir de uma história. No entanto, quando configuro uma realidade não reafirmo integralmente essa história, mas engendro uma nova, que compreende, agora, também a minha ação, e isso faria toda a diferença.
22. É claro que nascemos num mundo já falado, num cultura onde uma língua vigora antes de nós. O que quero dizer é que essa língua não é insensível à minha utilização e existência, como também eu não o sou a ela. Do encontro de cada indivíduo com uma língua, configuram-se linguagens e, portanto, realidades diferentes do que haveria antes ou na ausência desse encontro.
23. *ibid*., p. 468.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, M. T., d' *O Homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ - Tempo Brasileiro, 1995.

_____ "Paradigma, Ciência e História", *IDEA - Programa Transdisciplinar de Estudos Avançados,* 1/89, Rio de Janeiro: IDEA/FCC/UFRJ, 1989 pp. 93 - 100..

DESCARTES, R., "Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências." *in Os pensadores* (Ed. V. CIVITA), vol. XV, São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas,* São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

KANT, I., *Crítica da razão pura,* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985

KOYRÉ, A., *Do mundo fechado ao universo infinito,* Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: EDUSP, 1979.

LÉVY, P., *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática,* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PASCAL, G., *O pensamento de Kant,* Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.

PEDRO, R. M. L. R., "Por uma nova concepção de ciência para os sistemas humanos: um enfoque alternativo para os fenômenos da cultura", Rio de Janeiro: FGV/ISOP/CPGP, 1989. (Tese de mestrado não publicada)

PRIGOGINE, I. & **STENGERS**, I., *A nova aliança: metamorfose da ciência*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

SIMONDON, G., *L'individuation psychique et collective,* Paris: Aubier, 1989.

_____ *L'individu et sa genese physico-biologique,* Paris: PUF, 1964.

SODRÉ, M., *O social irradiado: violência urbana, negrotesco e mídia,* São Paulo: Cortez, 1992.

VARELA, F. J., "Abordagens à ciência e tecnologia da cognição", *Ciência e Cultura*, 5, vol. 40, SBPC, maio de 1988, p. 460-470.

WATZLAWICK, P. *et allii, Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação,* São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.